

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O liberal

Class.: 09

Data: 29.07.80

Pg.: _____

Kaiapó recusa ajuda Munduruku para garimpar ouro na reserva

Os índios Kaiapó não aceitaram a ajuda Munduruku para exploração do ouro de sua reserva. Consultada, a comunidade Kaiapó decidiu bateiar o ouro sozinha embora não tenha know-how para levar adiante essa tarefa. A informação é do delegado regional da Funai, Paulo César Silva de Abreu que esteve em Kikretun sexta e sábado passados.

O principal objetivo da visita de Paulo César de Abreu à área Kaiapó foi examinar, "in loco", se realmente os cerca de 300 garimpeiros que trabalhavam no local já haviam se retirado, em cumprimento à intimação da Funai. Garante o delegado que não há mais um garimpeiro sequer, na área. Diz, também, que eles saíram sem fazer qualquer oposição à ordem recebida.

Mas, uma das surpreendentes revelações do delegado da Funai é que os garimpeiros já extraíram ouro da reserva Kaiapó há mais de seis anos. Ele preferiu, por questão "ético-administrativa", não revelar o porquê da Funai não ter intervindo há mais tempo para evitar a exploração por pessoas alienígenas à reserva.

Na "batida" de sexta e sábado, o delegado, auxiliado por índios da área e dois pilotos, apreenderam 12 moto-bombas, utensílios próprios para puxar areia do fundo do rio. De onde se depreende que a exploração aurífera já não estava em fase tão primitiva.

Os kaiapós, após reunião com a Delegacia da Funai, decidiram não aceitar a ajuda Munduruku para a bateiagem. Pelo menos por enquanto, segundo Paulo Abreu. Diz ele que os índios estavam "acuados" em seu próprio habitat, impedidos de extraírem o ouro da faixa de terra que lhes pertence.

Isso agora - promete - mudará. Com a expulsão dos garimpeiros, os kaiapós poderão trabalhar livremente, ajudados por quatro brancos que residem na reserva há muito tempo e, inclusive, são casados com índias e têm filhos dessa união. Esses quatro homens

entendem de garimpo e fornecerão a técnica que falta aos kaiapós.

INTERDIÇÃO - Na mesma viagem, Paulo César Abreu providenciou para que as cinco áreas de pouso clandestinas na área kaiapó não possam mais receber qualquer avião. Foram feitas verdadeiras crateras nas pistas e colocadas toras de madeiras. Com isso, as pistas estão interditadas.

E para garantir seu trabalho, pelo menos duas vezes por mês o delegado da Funai vistoriará a área, num sistema de "incertas". Pretende Paulo Abreu evitar que os índios kaiapós sejam novamente prejudicados, sob qualquer forma.

Há mais ou menos 20 dias - de acordo com relato de Paulo Abreu - a Delegacia da Funai impediu a decolagem de um avião na reserva Kateté, habitada pelos índios kaiapós xikrin. Esse avião levava madeireiros do Paraná que queriam negociar a exportação livre de toras naquela área. Avisado, o delegado da Funai partiu imediatamente para o Kateté, pedindo a intervenção da Polícia Federal, que abriu inquérito contra os madeireiros.

Diz Paulo Abreu que nem toda área está demarcada, mas isso não impede que a Funai puna os transgressores, pois mesmo a área que está demarcada, é sabidamente indígena e está protegida pela Lei 6.001, artigo 25, que criou o Estatuto do Índio. Nesse artigo está escrito que toda área indígena será protegida pelo Governo Federal, independente de demarcação.

Na reserva kaiapó moram 540 índios Gorotire, 160 Kikretun, 321 Mekranotire, 160 Baú, 68 Kokraimoro e 400 Kubrenkanquen. A área mede 2 milhões e 100 mil hectares de terra. Os garimpeiros foram expulsos da aldeia dos Kikretun, em Nova Olinda, à margem direita do rio Fresco, no sul do Pará